

Bradesco lucra R\$ 11,9 bilhões no 1º semestre de 2025 e segue fechando agências e postos de trabalho



O Bradesco encerrou o primeiro semestre de 2025 com um Lucro Líquido Recorrente de R\$ 11,931 bilhões, resultado que representa um crescimento de 33,7% em relação ao mesmo período de 2024. Em relação ao primeiro trimestre deste ano, o crescimento foi de 3,5%, já que o banco havia registrado lucro de R\$ 5,864 bilhões nos três primeiros meses e R\$ 6,067 bilhões no segundo trimestre.

Apesar dos resultados positivos, o banco cortou 2.564 postos de trabalho e fechou centenas de agências e unidades de atendimento, alegando estratégia de “otimização do custo de servir”. A medida tem sido criticada por representantes dos trabalhadores, que apontam prejuízos ao atendimento e ao emprego bancário.

O Retorno sobre o Patrimônio Líquido (ROE) alcançou 14,6%, com aumento de 3,5 pontos percentuais em doze meses. De acordo com o relatório divulgado pelo próprio banco, a principal razão para essa melhora da rentabilidade foi o desempenho das receitas, que chegaram a R\$ 34 bilhões no trimestre – alta de 15,1% em relação ao ano anterior.

A Carteira de Crédito Expandida ultrapassou R\$ 1 trilhão, crescendo 11,7% em 12 meses. O destaque foi o crédito para pessoa física (+15,9%), especialmente crédito rural (+89,1%). A inadimplência acima de 90 dias caiu para 4,1%.

As receitas com tarifas (R\$ 15 bilhões) cresceram mais que os gastos com pessoal (R\$ 13 bilhões), cobrindo 115,8% dessas despesas. A base de clientes também aumentou, com 1,1 milhão de novos clientes em doze meses, chegando a 74 milhões de correntistas.

Lucro do Santander cresce às custas dos trabalhadores e do fechamento de agências

O Banco Santander no Brasil teve um lucro de R\$ 7,520 bilhões no primeiro semestre de 2025, um aumento de 18,4% em relação a 2024. Apesar desse crescimento, o banco fechou 561 pontos de atendimento e demitiu 1.173 funcionários nos últimos 12 meses. O lucro líquido do segundo trimestre foi de R\$ 3,659 bilhões, uma queda de 5,2% em comparação com o primeiro trimestre.

A operação brasileira foi a segunda mais lucrativa do grupo global, com € 996 milhões. As receitas com serviços e tarifas ficaram estáveis, enquanto as despesas com pessoal subiram 4,0%. A carteira de crédito cresceu 1,5% em 12 meses, mas teve retração trimestral. A inadimplência permaneceu estável em 3,1%.

A coordenadora da Comissão de Organização dos Empregados (COE), Wanessa Queiroz, criticou a política agressiva de cortes do banco, destacando o impacto desproporcional nas mulheres e a contradição entre os lucros recordes e o desmonte da estrutura física e humana. A base de clientes, por outro lado, cresceu 4,5 milhões no mesmo período.